



24^o Congresso Brasileiro de
PERINATOLOGIA
de 26 a 29 de setembro de 2018
Natal • RN

Trabalhos Científicos

Título: Perfil Laboratorial Microbiológico De Dois Anos De Uma Utin No Nordeste Do Brasil

Autores: FABIANA ARISTON FILGUEIRA (MEJC/UFRN), DANIEL ÂNGELO VALENÇA PASCOAL, EDNA MARTA MENDES DA SILVA, DÉBORA FEITOSA DE FRANÇA, THIAGO DE LIMA PESSOA, AURÉLIA CRISTINA DE MEDEIROS NASCIMENTO, JANA DARA FREIRES DE QUEIROZ, AMARO PEREIRA DA SILVA NETO, JESAÍAS RODRIGUES DA SILVA

Resumo: INTRODUÇÃO: Torna-se essencial o conhecimento dos agentes infecciosos mais frequentes em uma unidade de terapia intensiva neonatal, a fim de que se possa direcionar a terapêutica antimicrobiana. OBJETIVOS : Traçar o perfil laboratorial microbiológico de uma UTI neonatal de uma Maternidade Escola no Nordeste do Brasil, baseado num compilado de dois anos. MÉTODOS: Trata-se de um estudo descritivo, epidemiológico, cujos dados coletados foram nos anos de 2015 e 2016. RESULTADOS: Em 2015 foram 173 notificações de infecções neonatais. A maioria delas (61,85) foi relacionada a infecções neonatais tardias. A taxa de infecções relacionadas à assistência à saúde neonatal foi de 32,3. Sobre a distribuição anatômica das infecções, 60 foram infecções relacionadas à corrente sanguínea. As sepses clínicas corresponderam a 42 e 18 foram casos de sepses confirmadas laboratorialmente. Os Staphylococcus coagulase negativos foram os agentes mais frequentes, seguidos pela Klebsiella pneumoniae e pelo Staphylococcus aureus, respectivamente. Em 2016 foram notificadas 135 infecções neonatais, sendo a maioria delas (64,85) ainda relacionadas a infecções neonatais tardias. A taxa de infecções relacionadas à assistência à saúde em neonatologia caiu para 19,09. Sobre a distribuição anatômica dos casos, 56 foram infecções relacionadas à corrente sanguínea. As sepses clínicas foram responsáveis por 30 e 26 foram casos confirmados laboratorialmente. O Staphylococcus coagulase negativo permaneceu como agente etiológico mais importante. CONCLUSÕES: Nossos agentes mais prevalentes são correspondentes àqueles citados na literatura e nós atribuímos a queda da taxa de infecções em 2016 ao intenso trabalho educacional desenvolvido na UTIN através da equipe da CCIH, com abordagem da higienização das mãos e discussão semanal de casos com infectologista pediátrico.